JARDINEIRO E PASTOR (*)

ANDRADE FURTADO

O Instituto do Ceará participa, nesta augusta oportunidade, das homenagens que a Terra da Luz tributa, pelos seus expoentes de Inteligência e de Cultura, à memória de Antônio Filgueiras Lima.

Ainda em pleno vigor dos anos, parou, repentinamente, o coração dêsse preclaro epígono das plagas alencarinas e educador emérito da juventude patrícia.

Desempenhou, com brilho notável, a vocação de instruir, para plasmar o espírito da mocidade na escola dos deveres cristãos, da honorabilidade pessoal e do mais acendrado civismo.

Foi o mandatário que o Govêrno do Estado designou, por indicação da pasta da Justiça que, então, exerci, para uma missão de alto nível na capital de S. Paulo, representando a mentalidade conterrânea, em memorável torneio de Literatura.

Lá, a figura de José de Alencar, a maior organização de escritor, no cenário da bibliografia indígena, foi colocada, evidentemente, no seu pedestal de imperecível relêvo, pelo brilhante conferencista, a quem coube, com tôda justeza, o mérito daquela expressiva reivindicação literária.

Filgueiras Lima pôde atrair, em Piratininga, a atenção de tão seleto público para os valôres desta privilegiada e, tantas vêzes, esquecida unidade da Federação Brasileira.

Os motivos regionais do nosso meio nordestino destacaram-se, magnificamente, na palavra do ínclito emissário, aplaudido com unanimidade consagradora e eloqüente.

(*) Discurso pronunciado em 28 de outubro de 1965, por ocasião da homenagem prestada à memória do Professor Antônio Filgueiras Lima, no 30.º dia do seu falecimento.

Em discurso que, neste mesmo freqüentado auditório, proferi, para realçar a sua vitória, nas distantes plagas do Sul, assinalei, em dia festivo, o momento de satisfação do Ceará em solidarizar-se com o môço laureado pelos galardões da glória.

O que destacou Filgueiras Lima, no quadro das figuras insinuantes do nosso panorama cultural, foi o seu reconhecido senso de harmonia e perspicaz intuição nos setores em que atuou.

Na douta sociedade de austeros estudos, que ora, aqui, represento e de que fazia parte o inesquecível garimpeiro da Sabedoria, tão cedo desaparecido, a sua presença despertava a simpatia de quem tudo encarava pelo prisma do otimismo e da boa vontade.

Às sessões a que assistia dava sempre um tom de elegância e vivacidade.

As comunicações que transmitia eram tocadas de gentileza e cortesia.

Nas discussões e debates clareava os assuntos com idéias oportunas e nítidas.

Trazia do colégio, onde pontificava, o ânimo resoluto de esclarecer os entendimentos e dignificar as intenções. Ficava arredado das interpretações mesquinhas ou maliciosas.

O panegírico de atos louváveis tinha em seus lábios uma eloqüência natural, porque sabia dizer as coisas justas com abundância dalma.

Todos guardamos recordação inapagável do companheiro e amigo, que vivia no nosso ambiente como em família unida, distribuindo palavras de alento, com larga ternura, e colhendo da sua bondade irradiante uma farta cópia de simpatias, cada dia mais efusiva e saudável.

Na trilha da jornada profissional, artista de fina sensibilidade que foi, procurou, continuamente, como poeta e didata, realizar a espiritualização do trabalho. Mantinha, interiormente, uma vivência de profunda concentração, meditando os conceitos do ofício, num recolhimento de asceta.

Escreveu êstes versos, realmente comovedores:

"Ó Silêncio de mãos de sombra e pés de pluma,
Abre-me a tua alma tênue!"

E nas lutas íntimas, nas lucubrações do gênio, podia, então, proclamar:

"Silêncio, meu mestre e meu irmão!"

Num século trepidante e tumultuário, abroquelava-se no seu mundo interior, buscando na meditação o segrêdo dos enigmas do tempo.

Por não escrever sem pensar, prudentemente, conscientemente, legou uma bagagem sólida à posteridade.

Versou com espontaneidade diáfana os temas mais palpitantes, em louvor da maior grandeza da Pátria. Ouvi-o:

"Língua nacional!

Língua da minha gente, do Norte e do Sul, Língua ardente, cantante, exuberante, original!"

Excelente elogio do nosso magnífico e mavioso idioma.

Dedicava um culto particular às nossas tradições, de origem latina e católica.

Com que legitimidade de admiração, com que nobreza de reconhecimento escreveu estas estrofes de amor e louvor a Portugal:

"Quando o mar versos me inspira
Com a sua imensa tristeza,
Soluça, na minha lira,
A saudade portuguêsa...

Vejo naus de velas pandas
Por sôbre as ondas bravias
Que trazem das outras bandas
Saudades e nostalgias.

Vejo antigos marinheiros,
Homens de rudes feições,
Que desfilam, sobranceiros,
Na epopéia de Camões.

Heróis soberbos! Gigantes
Que no mar fazem milagres.
São pilotos e almirantes
Da velha Escola de Sagres.

Portugal! Que magnetismo
Irradia a tua história,
Num poema de heroísmo
Uma legenda de glória!

E sobe da voz do oceano
Um louvor alto e profundo
Ao grande povo que, ufano,
Mundos novos deu ao mundo."

Para os que contemplam os feitos lusitanos com o acolhimento de sentida veneração, estas estrofes, em tom de apologia, traduzem tôda a imensa ternura que crepita no coração da nossa gente.

Dos sonetos contemporâneos, em nosso país, nada há mais delicado e delicioso que êste de sua lavra, em que reflete o seu proclamado temperamento de jardineiro e pastor:

"Gosto das coisas límpidas e raras
Que enchem de encantamento os meus sentidos.
Raça! Não me entorpecem as tuas taras:
Sou um grego dos tempos esquecidos...

Cercado, embora, de ferrenhas caras,
De almas e corações empedernidos,
Adoro os céus azuis e as águas claras,
Cujos sons adormecem meus ouvidos.

Cultivo idéias e apascento estrêlas...
Jardineiro e pastor — em sonhos e ânsias,
Procuro, no meu cérebro, acendê-las.

Podeis rugir, ó bárbaros! Dispersos,
No meu jardim de excelsas rutilâncias,
Eternamente cantarão meus versos!"

O fecho dêste primoroso sonêto encerra uma previsão incontestável, por todos nós aceita. Nunca poderá ser esquecido o estro, numeroso e fluente, do privilegiado aedo que cantou, com enlêvo e carinho, na inspiração da côr e do som, a beleza das estrêlas, das flôres, dos pássaros e das águas, onde buscou o motivo e o ritmo dos seus comovedores poemas.

Reconhecemos nêle, sobretudo, um artista, elegante e varonil, mantendo, alto e puro, o seu ideal, diante dos transbordamentos do esnobismo, a atentar contra a poesia perene!

Fêz versos com talento, em moldes renovados, conservando, todavia, as linhas fundamentais da estética, da lógica e do sentimento.

Foi-me concedida a distinção de saudar, no pórtico da Academia de Letras, o imortal eleito das musas, manejador lapidar do nosso idioma, conferencista cintilante, emérito pedagogo, de elevados e prestimosos bons serviços, em prol da causa sagrada da Educação.

Ocupou, ali, com todo o aprumo e garbo, a cadeira patrocinada pelo autor de Iracema.

Foi, lembro-me bem, dia de gala e regozijo o do seu ingresso, entre luzida plêiade de graduados intelectuais, na ilustre comunidade do nosso silogeu. Fiz, então, sentir, calculando o mérito da vitória, na expressão de Saavedra Fajardo, que a felicidade nasce, como as rosas, de espinhos e aturado labor... É uma realidade!

O Instituto do Ceará atraiu, por sua parte, a edificante e fecunda cooperação de Filgueiras Lima, votado ao afã de esclarecer e orientar as novas gerações, no esfôrço de que não falhassem às esperanças do porvir.

O ensino, acentuei em relação ao eminente professor, é como a água da chuva, que desce do céu e fertiliza o chão.

Que messe extraordinária semeou, entre as camadas inexperientes, o guia da mentalidade juvenil, ávida de empreendimentos sedutores.

Os princípios pedagógicos, sólidos e sadios, professados, em cadeira técnica, ajudaram-no a constituir um magistério exemplar, nas bases do senso moral e da nobreza cívica.

Trabalhou, na seara bendita, até o fim, sem trégua nem desânimo.

Na véspera da sua partida para a Mansão da Paz, onde Deus lhe terá concedido o prêmio da missão cumprida, estêve a presidir, neste mesmo salão nobre, a uma grata solenidade de intercâmbio da inteligência, a que emprestou a jovialidade da sua expansiva galhardia e boa acolhida.

Ninguém poderia prever que tanta exuberância de cordialidade e gentileza tinha poucas horas contadas para trânsito neste vale de alegrias efêmeras.

Na alvorada da manhã imediata, cobria-se de luto o coração da família, tristeza que envolveu a comunidade dos seus amigos, dos seus colegas, dos seus discípulos e inumeráveis admiradores.

A população da cidade inteira recebeu, com mágoa e acabrunhamento, a notícia consternadora, de irreparável amargura.

Não são, tantas vêzes, compreensíveis os desígnios da Providência. É que obedecem a exigências da misericórdia infinita do Senhor.

Cada pessoa desempenha a tarefa que lhe foi traçada, ao chegar a êste mundo: mais curta, mais longa. Para ser feita com vagar ou intensidade...

Filgueiras Lima, na pressa de realizar a sua, terminou-a tão cedo, legando à posteridade rico patrimônio de obras sociais e literárias que reconhecidamente o enaltece, na gratidão e admiração da coletividade.

Podemos enumerar, entre os seus valiosos contributos à bibliografia cearense, **Festa de Ritmos, Terra da Luz, A Literatura Cearense na Formação do Sentimento Nacional, Metodologia das Ciências Sociais, Ritmo Essencial, Alencar e a Terra de Iracema.** E, lançado à publicidade, bem próximo à sua surpreendente morte, **O Mágico e o Tempo**, além de inúmeros folhetos, conferências e ensaios, artigos e comentários de imprensa.

Acima de tudo, vale testemunhar o seu amor ao ensino, a sua dedicação à cátedra, o seu deleite no convívio dos alunos, num contacto de tão persistente e proveitoso fruto, para a mocidade em flor.

Representando o meio cultural cearense, na capital bandeirante, fêz, em linguagem afervorada e comovente, a apologia dêste rincão abençoado, berço de tantos vultos eminentes, entre os quais devemos destacar a sua personalidade de patriota e educador, de autêntico poeta e orador exímio.

O Instituto do Ceará, através da minha palavra, associa-se às homenagens das nossas organizações de ciências e letras — a Academia e a Casa de Juvenal Galeno — para render ao apostolado luminoso de Filgueiras Lima o testemunho do mais sincero reconhecimento, tributando um preito de viva saudade ao consócio inolvidável que tanto engrandeceu, pela atividade dinâmica e pelo saber aprimorado, as tradições de operosidade e pertinácia, de cultura e inteligência do veterano sodalício, na obra de exaltação das glórias da nossa terra!